

O GRANDE LIVRO DA

MITOLOGIA

HISTÓRIAS DE DEUSES E HERÓIS

- PROMETEU E PANDORA
- MIDAS – BAUCIS E FILÊMÓN
- CUPIDO E PSIQUÊ
- CADMO, OS MIRMIDÕES
- MINERVA, NÍOBE
- AS GREIAS E AS GÓRGONAS
- O VELO DE OURO – MEDEIA
- PÉGASO E QUIMERA



THOMAS BULFINCH



MADRAS

Thomas Bulfinch

O Grande Livro da Mitologia

Histórias de Deuses e Heróis

Tradução:
Marcelo Albuquerque



MADRAS®

“É ouro de fadas, rapaz,
como o tempo o provará.”

Shakespeare

ÍNDICE

Prefácio do Autor	10
I. Introdução	15
II. Prometeu e Pandora	25
III. Apolo e Dafne – Píramo e Tisbe – Céfalo e Prócris.....	33
IV. Juno e Suas rivais, Io e Calisto – Diana e Actéon – Latona e os Rústicos	42
V. Faetonte	52
VI. Midas – Baucis e Filêmon.....	60
VII. Prosérpina – Glauco e Cila	67
VII. Pigmalião – Dríope – Vênus e Adônis – Apolo e Jacinto	77
IX. Ceix e Alcíone: ou os Pássaros Alciônicos.....	84
X. Vertuno e Pomona	91
XI. Cupido e Psiquê	95
XII. Cadmo – Os Mirmidões	106
XIII. Niso e Cila – Eco e Narciso – Clície – Hero e Leandro	113
XIV. Minerva – Níobe	122
XV. As Greias e as Górgonas – Perseu e Medusa – Atlas – Andrômeda.....	130
XVI. Monstros: Gigantes – A Esfinge – Pégaso e Quimera – Centauros – Grifos – Pigmeus.....	137

XVII. O Velo de Ouro – Medeia	144
XVIII. Meléagro e Atalanta.....	153
XIX. Hércules – Hebe e Ganimedes	159
XX. Teseu – Dédalo – Castor e Pólux	166
XXI. Baco e Ariadne.....	175
XXII. As Divindades Rurais – Erisictão – Reco – As divindades Aquáticas – As Camenas – Os Ventos	181
XXIII. Aqueloo e Hércules – Admeto e Alceste – Antígona – Penélope.....	192
XXIV. Orfeu e Eurídice – Aristeu – Anfião – Lino – Tamiris – Mársias – Melampo – Museu.....	200
XXV. Árion – Íbico – Simônides – Safo	209
XXVI. Endimião – Órion – Aurora e Titono – Ácis e Galateia.....	218
XXVII. A Guerra de Troia	225
XXVIII. A Queda de Troia – O Retorno dos Gregos – Orestes e Electra	240
XXIX. As Aventuras de Ulisses – Os Comedores de Lótus – Ciclopes – Circe – As Sereias – Cila e Caríbdis – Calipso	249
XXX. Os Feácios – O Destino dos Pretendentes.....	259
XXXI. As aventuras de Eneias – As Harpias – Dido – Palinuro	269
XXXII. As Regiões Infernais – A Sibila.....	277
XXXIII. Camila – Evandro – Niso e Euríalo	287
XXXIV. Pitágoras – Divindades Egípcias – Oráculos.....	298
XXXV. Origem da Mitologia – Estátuas de Deuses e Deusas – Poetas da Mitologia.....	310
XXXVI. Monstros Modernos – A Fênix – O Basilisco – O Unicórnio – A Salamandra.....	320

XXXVII. Mitologia Oriental – Zoroastro – Mitologia Hindu – Castas – Buda – O Grande Lama	328
XXXVIII. Mitologia Nórdica – Valhala – As Valquírias	338
XXXIX. A Visita de Thor a Jotunheim.....	346
XL. A Morte de Baldur – Os Elfos – As Letras Rúnicas – Os Escaldos – A Islândia	352
XLI. Os Druidas – Iona	360
Expressões Proverbiais	368
Índice Onomástico.....	370

PREFÁCIO DO AUTOR

Se apenas aquele conhecimento que auxilia a engrandecer nossas posses ou elevar nosso *status* na sociedade merece ser considerado útil, então a mitologia não pode reivindicar esse título. Mas, se aquilo que nos torna mais felizes e melhores pode ser chamado de útil, então podemos reivindicar esse epíteto para nosso tema. Pois a Mitologia é criada da literatura, e esta é uma das melhores aliadas da virtude e promotoras da felicidade.

Sem o conhecimento da mitologia, muito da elegante literatura em nosso idioma não poderia ser compreendido e apreciado. Quando Byron chama Roma de “Níobe das nações”, ou diz que Veneza parece “uma Cibele marinha que do oceano se ergue”, ele evoca na mente daqueles familiarizados com nosso tema ilustrações mais nítidas e impressionantes do que um lápis poderia fornecer, mas que não serão compreendidas pelo leitor ignorante em mitologia. Há abundantes alusões semelhantes em Milton. O curto poema “Comus” contém mais de 30 alusões, e a ode “Na Manhã da Natividade” tem metade disso. Ao longo de “Paraíso Perdido”, elas se espalham profusamente. Essa é uma das razões por que ouvimos com frequência pessoas nada ignorantes dizerem que não apreciam Milton. Mas, se essas pessoas adicionassem aos seus conhecimentos mais sólidos o fácil aprendizado deste pequeno volume, muito da poesia de Milton que lhes parecia “dissonante e confusa” seria considerada “tão musical quanto o alaúde de Apolo”. Nossas citações, extraídas de mais de 25 poetas, de Spenser a Longfellow, mostrarão como é frequente a prática de pegar ilustrações emprestadas da mitologia. Os escritores de prosa também tiram proveito da mesma fonte de ilustrações

elegantes e sugestivas. Não se lê uma edição do *Edimburgo* ou da *Edição Trimestral* sem se deparar com tais casos. No artigo de Macaulay sobre Milton há 20 exemplos.

Mas como ensinar mitologia àqueles que não a aprendem por meio dos idiomas da Grécia e de Roma? Dedicar o estudo a um tipo de aprendizado relacionado inteiramente a falsas maravilhas e fés obsoletas não deve ser esperado do leitor em geral em uma era prática como esta. Mesmo o tempo do novo é reivindicado por tantas ciências de fatos e coisas que pouco pode ser poupado para estabelecer tratados sobre uma ciência de pura fantasia.

Mas o conhecimento necessário sobre o tema não pode ser adquirido por meio da leitura de poetas antigos em traduções? Nossa resposta é que o campo é muito extenso para um curso preparatório, e essas mesmas traduções exigem algum conhecimento prévio do tema para serem compreendidas. Qualquer um que duvide, que leia a primeira página da *Eneida* e veja o que compreende do “ódio de Juno”, do “decreto das Parcas”, do “julgamento de Páris” e “das honras de Ganimedes” sem esse conhecimento.

Devemos acreditar que respostas a tais questões podem ser encontradas em notas ou em alguma referência de Dicionários Clássicos? Nossa resposta é que a interrupção da leitura por tais processos é tão irritante que a maioria dos leitores prefere deixar uma alusão passar sem ser compreendida a se submeter a tais meios. Além disso, essas fontes nos fornecem apenas fatos enxutos sem qualquer charme da narrativa original, e o que é um mito poético quando desprovido de sua poesia? A história de Ceix e Alcíone, que preenche um capítulo de nosso livro, ocupa apenas oito linhas no melhor dos dicionários clássicos (Smith's), e o mesmo cabe aos outros.

Nosso livro é uma tentativa de resolver esse problema contando as histórias da mitologia de tal forma que as torne uma fonte de entretenimento. Empenhamo-nos para contá-las da forma correta, de acordo com as fontes antigas; assim, quando encontrar alguma referência a elas, o leitor não se sentirá perdido em reconhecê-las. Dessa forma, esperamos ensinar mitologia não como uma matéria, mas como uma forma de relaxamento dos estudos, dando ao nosso trabalho o charme de um livro de histórias e, por meio dele, partilhar o conhecimento de um ramo importante da educação. O índice

onomástico no final será adaptado para o propósito de referências, transformando a obra em um dicionário clássico para salas de estar.

A maioria das lendas clássicas deste livro provém de Ovídio e Virgílio. Não são traduções literais pois, na opinião do autor, a poesia traduzida em prosa literal é uma leitura muito pouco atraente. Elas também não estão em verso, por outras razões assim como a convicção de que traduzir de maneira fiel sob todos os embaraços da rima e métrica é impossível. Foi feita a tentativa de contar as histórias em prosa preservando o tanto de poesia que reside nos pensamentos e é separada da própria língua, e omitindo as amplificações que não sejam adequadas à forma alterada.

As histórias da mitologia nórdica são copiadas com alguma condensação das *Antiguidades Nórdicas* de Mallet. Esses capítulos, assim como os que tratam das mitologias oriental e egípcia, pareceram necessários para complementar o tema, embora se acredite que esses tópicos não costumem aparecer no mesmo volume das fábulas clássicas.

Esperamos que as citações poéticas apresentadas tão livremente respondam a vários propósitos valiosos. Elas tentarão fixar na memória o fato principal de cada história, ajudarão na conquista da pronúncia correta dos nomes próprios e enriquecerão a memória com muitas pérolas da poesia, algumas delas citadas com frequência ou mencionadas em leituras e conversas.

Ao escolher *mitologia ligada à literatura* como nosso ramo, esforçamo-nos para não omitir nada que o leitor de literatura elegante possa encontrar. Tais histórias e partes de histórias que ofendam ao bom gosto e à boa moral não são apresentadas. Mas essas histórias não são mencionadas com frequência e, se ocasionalmente deveriam ser, o leitor não deve sentir nenhuma humilhação ao confessar sua ignorância.

Nosso livro não é para o erudito, para o teólogo ou para o filósofo, mas, sim, para o leitor de literatura de qualquer sexo que deseja compreender as alusões utilizadas com tanta frequência por oradores, palestrantes, ensaístas, poetas e aqueles que se encontram em conversas educadas. Acreditamos que nossos jovens leitores encontrarão uma fonte de entretenimento, os leitores mais avançados encontrarão um companheiro útil em suas leituras, aqueles que viajam e visitam museus e galerias de arte encontrarão um intérprete de pinturas e esculturas, os frequentadores de sociedades refinadas

terão uma chave para alusões feitas com frequência e, por último, os mais maduros que apreciam retrazar um caminho da literatura que os transporte aos dias de sua infância e revivem a cada passo as associações da aurora de suas vidas.

A permanência dessas associações é expressa lindamente nas bem conhecidas linhas de Coleridge, no “Piccolomini”, ato II, cena 4:

“As formas inteligíveis dos poetas antigos,
As humanidades justas de religiões antigas,
O Poder, a Beleza e a Majestade
Que tiveram seus refúgios em vales ou montanhas de pinheiros,
Ou florestas, perto de riachos vagarosos ou fontes rodeadas de seixos,
Ou abismos e profundezas aquosas; tudo isso desapareceu;
Já não sobrevivem na fé da razão;
Mas o coração ainda necessita de uma linguagem; ainda
O instinto ancestral evoca nomes antigos;
Espíritos ou deuses que conviviam nesta Terra
Tendo o homem como seu amigo; e nesse dia
É Júpiter que traz tudo que é grande,
E Vênus traz tudo que é justo.”



CAPÍTULO I



INTRODUÇÃO

As religiões da Grécia e da Roma antigas estão extintas. As assim chamadas divindades do Olimpo não possuem nenhum seguidor entre os homens vivos. Elas agora não pertencem ao departamento de teologia, mas aos da literatura e do bom gosto. Lá elas ainda conservam seu lugar e continuarão a fazê-lo, pois estão intimamente ligadas ao que de melhor se produz em arte e poesia, seja antiga ou moderna, e não cairão no esquecimento.

Nós propomos contar as histórias relacionadas a essas divindades que nos foram apresentadas pelos antepassados e às quais os poetas, ensaístas e oradores modernos aludem. Assim, nossos leitores poderão ao mesmo tempo se distrair com as mais charmosas ficções que a imaginação jamais concebeu e ter acesso a informação indispensável a todos que leriam com inteligência a elegante literatura contemporânea.

Para compreender essas histórias será necessário nos familiarizarmos com as ideias da estrutura do universo que predominavam entre os gregos – o povo de quem os romanos, e outras nações por meio deles, receberam sua ciência e religião.

Os gregos acreditavam que a Terra era plana e circular, e que seu país estava no meio, sendo o ponto central o Monte Olimpo, a morada dos deuses, ou Delfos, tão famosa por seu oráculo.

O disco circular da Terra era atravessado de leste a oeste e dividido em duas partes iguais pelo *Mar*, como eles chamavam o Mediterrâneo, e sua continuação, o Euxino (atual Mar Negro), os únicos mares que conheciam.